

O ABRAÇO PROIBIDO

Flávio Leitão

Estou convencido de que o abraço dado com sinceridade, com amor, é tônico para o espírito, um despertador de esperança, um apaziguador de ânimos, um cicatrizante para as feridas d'alma.

Já contei para os meus leitores, num conto que denominei de Abraço Vazio, a amarga sensação que tive quando supunha, estar abraçando o Fernando, meu irmão, e na realidade, abraçara o vácuo, já que o Fernando havia, há tempos, partido para os páramos celestiais.

Mas essa dor foi esquecida. A que me tortura até hoje é a que passo a relatar-lhes.

Estávamos no primeiro ano da maldita Pandemia da COVID-19, quando os cadáveres se acumulavam nos morgues das cidades do mundo inteiro e no Brasil, as cifras de letalidade subiam mais rápido ainda, com o criminoso e incompreensível descaso da Presidência do país, dificultando a compra de vacinas ou debochando dos que tinham medo do que ele afirmava ser “uma gripezinha”.

Era um vinte e um de abril, meu natalício e por esse motivo, o “Conselho dos Filhos”, reunido com a integralidade de seus quatro membros, votou favoravelmente, apesar dos riscos, por unanimidade, a permissão de minha ida até a Avenida Beira-Mar, onde um tenor, acompanhado por um violonista, tocariam para meu deleite, valsas de óperas que eram do meu agrado e lá nos congregaríamos, sem nos tocarmos, mascarados, com certa distância.

O medo de contaminação do ainda mal estudado vírus era muito grande; as notícias diárias de mortes, de pessoas sofrendo a angústia indescritível da falta de ar em seus pulmões, as UTIs superlotadas, os cadáveres acumulando-se pútridos nos morgues, sem direito aos ritos funerários, em doloroso isolacionismo, tornavam a humanidade toda pusilânime.

Assim, ficou determinado que nos encontraríamos, ao ar livre, no frescor do fim de tarde, com a terrível condenação: era proibido abraçar!

Era o que os tempos poderiam tolerar: encontro formal, sem abraços!

Acordados com a draconiana decisão do “Conselho dos Filhos”, no cair da tarde, encontramos-nos todos, no local combinado.

Devo-lhes, agora, dizer que tenho quatro netos, sendo dois homens e duas mulheres. Mas o tempo que medeia entre os três primeiros netos e a última neta era de mais de 18 anos. A última neta – Letícia – tinha então, três anos.

Mantínhamos um excepcional bom relacionamento. Era meu brinquedo vivo que preenchia o tempo livre da minha parcial aposentadoria, que foi cortado, com o advento da terrível Pandemia. A falta dos procedimentos cirúrgicos intermináveis era compensada com a prazerosa companhia da Letícia.

Certa feita, ia ela andando no corredor, quando eu lhe dei um delicado chute naquela rechonchuda bundinha protegida pela indefectível fraude. Olhou para trás, não deu uma palavra. Impliquei mais uma vez, dei-lhe o segundo chute. Mesmo comportamento: olha para trás, como que para se certificar que era o mesmo velho implicante que tentava irritá-la, mas nada diz.

Frustrado com minha incapacidade de irritar um entezinho de 3 anos, tentei a terceira agressão. Ao dar meu chute, a Letícia simplesmente, sem olhar para trás, grita categórica: – não chateie não! Maturidade que eu perdera nos meus mais de oitenta anos!

Fiquei pasmo com a maturidade de uma criança de 3 anos e, não a chateei mais.

Mas voltemos ao desairoso tempo da Pandemia da Covid-19. Comemorávamos então, meu aniversário, num agradável encontro com todos os filhos, vários meses após odioso isolamento.

Quando muito, nos víamos apenas pelo celular, para minorar a angústia da separação.

Quando a Letícia chega com os pais, corre pressurosa de braços abertos para enlear-se no meu costumeiro abraço, pré-Pandemia. Quando se ouve o grito geral: NÃO! Sabia-se que as crianças poderiam ser portadores sãs do impiedoso vírus para os vulneráveis velhos.

Não me sai da memória o olhar de decepção, de incompreensão, de frustração daquele pequenino ser.

Não sei se fez à Letícia, o mal que me faz a frustração do nosso abraço...

Ainda hoje, o coração se constrita quando relembra o terrível impedimento daquele doce abraço e forço-me a conter acres lágrimas.